

UMA ANALOGIA A DELFOS EM A CIDADE DAS DAMAS: AUTORIA FEMININA E AUTORIDADE LITERÁRIA EM CHRISTINE DE PIZAN

An Analogy to Delphin in the *City of Ladies*: Female Authorship and Literary Authority in Christine de Pizan

Maria Graciele de Lima

Professora Adjunta da área de Linguagens e Ensino, no Departamento de Metodologia da
Educação (Centro de Educação/ UFPB)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7004-0337>

Email: gracieledelima.literatura@gmail.com

Daniel Eduardo da Silva

Doutorando em Letras sobre Estudos Clássicos e Medievais no Programa de Pós-Graduação em
Letras (PPGL/UFPB)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1380-8768>

E-mail: professormestredanielleduardo@gmail.com

Recebido em: 11/10/2025

Aprovado em: 02/12/2025

Resumo: Pretendemos identificar neste breve estudo ao menos três aspectos afirmativos sobre a formação da identidade de Christine de Pizan (1364-1431) como mulher-escritora no Medievo. Na sua narrativa, em *A Cidade das Damas* (1405), a partir da protagonista, logo no Livro Primeiro da obra, podemos encontrar a passagem em que Christine como narradora-personagem recebe a visita misteriosa de três Damas alegóricas: Razão, Retidão e Justiça. Ela recebe destas sibylas o ensinamento e a missão de combater a misoginia presente na Literatura e na tradição filosófica para a edificação da cidade imaginária em defesa das mulheres. 1) O primeiro aspecto é o seu profissionalismo pioneiro de sucesso como mulher-escritora na divulgação de sua obra no Medievo; 2) O segundo aspecto é o seu conhecimento filosófico, pois na narrativa a autora dialoga e refuta a tradição misógina advinda das obras da Antiguidade, a exemplo de pensadores, poetas e literatos. E, por fim, 3) O terceiro aspecto é a verossimilhança entre a vida da autora e a personagem-narradora Christine, designada pelas três Damas, como sibila, profetisa e arquiteta no combate aos autores misóginos.

Palavras-chave: Christine de Pizan; A Cidade das Damas; Autoria feminina; Misoginia.

Abstract: We intend to identify in this brief study at least three affirmative aspects about the formation of the identity of Christine de Pizan (1364-1431) as a woman-writer in the Middle Ages. In her narrative, in *The City of Ladies* (1405), from the protagonist, right in the First Book of the work, we can find the passage in which Christine as narrator-character receives the mysterious visit of three allegorical Ladies: Reason, Righteousness and Justice. She receives from these sibyls the teaching and mission to combat misogyny present in Literature and philosophical tradition for the construction of the imaginary city in defense of women. 1) The first aspect is its pioneering professionalism of success as a woman-writer in the dissemination of her work in the Middle Ages; 2) The second aspect is its philosophical knowledge, because in the narrative the author dialogues and refutes the misogynistic tradition coming from the works of Antiquity, the example of thinkers, poets and writers. Finally, 3) The third aspect is the likelihood between the life of the author and the character-narrator Christine, designated by the three Ladies as sibyl, prophetess and architect in the fight against misogynistic authors.

Keywords: Christine de Pizan; The City of Ladies; Female authorship; Misogyny.

1. Dama Razão e a escolha de uma voz autoral para arquitetar a Cidade

Em *A Cidade das Damas* (1405), Christine de Pizan (1364-1431) apresenta a urgência explícita de uma defesa literária contra a misoginia disseminada pelas obras de autores masculinos em torno do sexo feminino no Medievo. O combate e a denúncia à misoginia que a autora empreende, usando o silogismo¹ filosófico já aparece nas primeiras páginas do seu livro que veremos mais adiante. As denúncias partem do contexto social e intelectual em que ela vivia diante de tantos costumes depreciativos, chistes e falsas imagens que se criavam em torno das mulheres na tradição literária. É nesse cenário inóspito de alta misoginia, no final da Idade Média, que surge a nossa preclara autora. Conforme Silva,

No período de transição da baixa Idade Média para a Renascença em meados do século XIV Christine de Pizan nasce em 1363, de família nobre italiana, oriunda de Veneza. Ao completar quatro anos, muda-se com a família para Paris. O seu pai Tommaso di Benvenuto da Pizzano², convidado pelo rei de França Carlos V (1338-1380), para servir à coroa, desfrutava de grande prestígio na corte real e em 1368 foi nomeado pelo rei como astrônomo, alquimista e físico da corte. Sobre a mãe de Pizan sabemos que também era filha de um grande sábio professor de medicina Mondino de Liuzzi (1270-1326). Ele foi um dos precursores do estudo da Anatomia prática. Sua mãe estimulava a filha às tarefas domésticas, já seu pai sempre a incentivava aos estudos (Silva, 2016, p. 14).

Nesse contexto de origem, Christine de Pizan nascida em Veneza e naturalizada francesa foi uma mulher-escritora de sucesso. A famosa filha do astrólogo **Tommaso** da Pizzano alcançou o *métier* de autora renomada e respeitada na corte do rei Carlos V. Na atualidade, ela é detentora de títulos literários e uma referência na história da Literatura francesa. Ela é *avant la lettre*, protofeminista, humanista, artista plástica, defensora das mulheres, além de pioneira da *querelle* das mulheres, entre outros protagonismos. Desse modo, Pizan é reverenciada, merecidamente, garantindo assim, com sua produção literária, o empreendedorismo de seu talento como profícua autora no Medievo. Sobre seu crescente prestígio de Pizan e de suas obras, Deplagne afirma que:

O interesse por Christine de Pizan e por suas obras na atualidade são ricos e multifacetados, porém data de longe as pesquisas, as biografias sobre essa ilustre escritora da Idade Média. São várias as referências de intelectuais e literatos à sua obra, desde o fim da Idade Média. No século XVIII, podemos citar pelo menos dois trabalhos pioneiros sobre a autora. Em 1717, destaca-se o trabalho de Jean Boivin de Villeneuve, considerado o primeiro biógrafo da escritora, autor de *Vie de Christine de Pisan et de Thomas de Pisan, son père dans les Mémoires de l'Académie des Inscriptions*, t.II, p.762-774 (SOLENT, 1929, p. 350). O outro relevante trabalho é a publicação, em 1787, de várias obras de Christine de Pizan na Coleção das melhores obras francesas compostas por mulheres, sob a iniciativa da escritora Louise-Félicité de Kérario, considerada sua primeira editora (Deplagne, 2020, p. 1 –grifos da autora).

Com tal fortuna crítica e com tais prerrogativas, para pouquíssimas e raras mulheres de seu tempo, Pizan não foi uma mulher comum, tampouco uma mulher à frente de seu tempo, mas, *a fortiori*, ela foi testemunha do seu próprio tempo, pois é considerada como sendo a primeira escritora a defender as mulheres na *Querelle des femmes*. Esse movimento intelectual foi um debate literário iniciado no século XV na França com a participação ativa de Christine de Pizan nos círculos intelectuais, no intuito de defender o sexo feminino na Literatura.

Com tais considerações, podemos caracterizar o primeiro aspecto da legitimação de Christine de Pizan da divulgação de seu trabalho como mulher-escritora e a conquista do respeito à sua obra literária no Medievo. Como Moreau e Hicks enfatizam a respeito da autora, “Poetisa, historiadora, e, sobretudo, moralista, [...] foi protegida de reis e rainhas; ela viveu de sua pena de escritora, dirigindo-se às grandes e aos grandes deste mundo, e seus manuscritos, luxuosamente iluminados, foram parar nas bibliotecas reais³” (Tradução nossa), proezas raras para mulheres de seu tempo. Atualmente, sua obra, com destaque para *A Cidade das Damas*, ganha cada vez mais visibilidade nos meios acadêmicos, principalmente devido à sua força crítica marcada pelo protagonismo feminino, bem como a outros aspectos igualmente sofisticados na sua plena arte de escrever.

Ficando absorta e perplexa diante da sequência de impropérios presentes nas obras misóginas de autores masculinos, presentes na literatura, na dogmática cristã, no pensamento de alguns filósofos e nas iluminuras de pintores, bem como na voz de certos

poetas, Pizan identifica em *A Cidade das Damas*, o sarcasmo de vários autores que desconsideravam as mulheres na sua gênese. No Medievo, a autora carrega o testemunho e a experiência quanto ao cenário hostil ao sexo feminino. Sobre tais concepções a respeito das mulheres, consideradas no presente contexto, é interessante enfatizar que:

[...] para realçar a delicadeza de semelhantes quadros, soube-se, na Idade Média, fazer ressair, melhor do que em qualquer outra época, o duplo aspecto do eterno feminino: ao lado da Virgem, da mulher respeitada, honrada, aquela pela qual se morre de amor, e de quem só se aproxima tremendo, há Eva, a tentadora Eva por quem o mundo foi perdido. Contistas, poetas, autores de fabulários, não lhe pouparam os sacarmos (Pernoud, 1997, p. 118).

Dialogando com o pensamento da medievalista Régine Pernoud, podemos conceber que há, no Medievo, raízes emblemáticas de um tipo específico de misoginia, remontando à cultura judaico-cristã sobre a dualidade entre Eva e a Virgem Maria. Dessa maneira, ao refletirmos mediante a complexidade das percepções sobre a história das mulheres em uma parte da Literatura⁴ advinda da Idade Média, identificamos que são vistas, num duplo itinerário, Sendo Eva como pioneira de sucumbir à tentação e ao pecado da desobediência, e Maria de Nazaré como fonte de virtudes e inspiração.

A menção aos contistas, poetas e autores de fabulários no Medievo sugere que essa dualidade foi explorada e perpetuada por meio das diversas formas de expressão artística, incluindo a literária, ao longo do tempo. Um forte teor pejorativo aparece no relato bíblico do Gênesis quando Eva, ao ter sucumbido à tentação no jardim do Éden, levou Adão a pecar (*la chute de l'homme*) e, por consequência, para a tradição judaico-cristã, todo o gênero humano caiu junto com eles. Sobre a criação divina das mulheres, Klapisch-Zuber destaca que Christine questiona a Deus por ter nascido mulher:

No primeiro capítulo do seu livro *A Cidade das Damas*, Cristina de Pisano diz como tomou consciência da má fortuna de ter nascido mulher. « Na minha loucura – escreve ela – desesperava-me por Deus me ter feito nascer num corpo feminino. » Quando a aversão por si própria se estende a todas as suas congêneres, « como se a Natureza tivesse gerado monstros », ela acusa Deus. E em seguida dissecava as raízes da sua miséria e descobre na « série das autoridades » os artesãos do seu mal-estar (Klapisch-Zuber, 1990, p. 9).

Sob esse olhar feminino, vemos a repercussão do pensamento de Pizan em *A Cidade das Damas* sobre o seu veemente testemunho da emergência de uma consciência feminina para restaurar a dignidade das mulheres em uma época em que as estas enfrentavam desafios significativos devido às estruturas sociais e culturais dominantes. Todo empreendimento de Pizan é reivindicar espaços sociais e oportunidades para as mulheres, sobretudo o direito ao estudo e à educação, no mesmo patamar de igualdade com os homens na sociedade francesa do seu tempo.

Christine, a narradora-personagem de *A Cidade das Damas*, expressa uma profunda reflexão sobre sua própria condição de mulher, descrevendo sua aparente insatisfação por ter nascido em um corpo feminino, em um mundo onde a condição feminina era frequentemente desvalorizada e oprimida. Determinada e instigada pelo seu pensamento crítico, ela se propõe a analisar a questão, ao dizer:

[...] pus-me a refletir sobre a minha conduta, eu, que nasci mulher; pensei também em outras tantas mulheres com quem convivi, tanto as princesas e grandes damas, quanto às de média e pequena condições, que quiseram confiar-me suas opiniões secretas e íntimas; procurei examinar, na minha alma e consciência, se o testemunho reunido de tantos homens ilustres poderia ser verdadeiro (Pizan, 2012, p. 59).

Segundo o trecho citado, dessa obra alegórica por excelência, a narradora-personagem declara lançar mão da atitude reflexiva sobre si mesma no intuito de analisar se as declarações misóginas encontrados em suas leituras são dignas de coerência. Nesse itinerário, constatamos que a voz narrativa demarca, *sub persona Pizan*⁵, as queixas de sua experiência por haver nascido mulher, ao mencionar seu histórico de convivência com outras mulheres, de variada posição social, e que tinham com ela uma relação de confiança, a ponto de desejarem confiar à sua escuta, suas opiniões secretas e íntimas.

É através dessa experiência pessoal intransferível que se junta à sua condição de mulher, um dos elementos que lhe dá a autoridade como mulher-escritora para rechaçar os discursos misóginos identificados na autoria masculina, além do repertório de conhecimento que a autora demonstra possuir quando situa a narradora-personagem

Christine como seu *alter ego*, sob suas reflexões em meio à variedade de leituras das mais preconceituosas obras sobre as mulheres. É coerente afirmar que

A narrativa alegórica expressa o inconsciente de Christine cujos sentidos são personificados pelas três *Damas*, Razão, Retidão e Justiça. É pelo autoconhecimento da gênese feminina que as mulheres podem emancipar-se dos clivos machistas das sociedades patriarcas que as oprimiram na história da literatura e das sociedades. Na narrativa, a formação da autoconsciência e da emancipação femininas da narradora se caracterizam com a vida e a obra da autora no processo emancipatório da inteligência das mulheres apresentado em *A Cidade das Damas* (Silva, 2016, p. 66 – grifo do autor).

Sobre ao que o excerto se refere, no primeiro livro d'*A Cidade das Damas* podemos encontrar a passagem em que Christine recebe a visita misteriosa de três damas altivas: Razão, Retidão e Justiça. Recebe, assim, destas sibilas a missão de combater a misoginia presente na Literatura e na tradição filosófica. Estando em êxtase, mas lúcida e atenta, ela recebe o ensinamento das virtuosas *Damas* que lhe vão profetizar a edificação da cidade imaginária no mundo de sonhos e desejo da autora. Descontente consigo mesma e perplexa pelos registros que encontra ao fazer suas leituras, pois deparara-se com os mais terríveis relatos e preconceitos sobre o sexo feminino, as três Damas assim se dirigem a Christine:

Mas, é chegada a hora de retirar essa causa justa das mãos dos Faraós, e é por isso que nos vês aqui, nós, as três damas que, movidas pela piedade, viemos anunciar-te a construção de um edifício, construído como uma cidade fortificada com excelentes fundamentos. Foste tu a escolhida para realizar, como nossa ajuda e conselhos, tal construção, onde habitarão todas as damas de renome, e mulheres louváveis, uma vez que os muros de nossa cidade serão fechados a todas aquelas desprovidas de virtudes. (Pizan, 2012, p. 66).

A escolha das *Damas* em designar Christine na narrativa para arquitetar a fortaleza feminina, faz dela o ponto de apoio em que as profecias das *Damas* garantem a construção da *Cidade das Mulheres*. Dessa maneira, farão da personagem a protagonista como o primeiro tijolo para a edificação da cidade sob os alicerces das sibilas alegóricas que se personificam em três Damas altivas e misteriosas no enredo do texto. Sobre este desígnio, *Dama Razão* proclama:

Desse modo, bela filha, foi a ti concedido, entre todas as mulheres, o privilégio de projetar e construir a Cidade das Damas. E, para realizar essa obra, apanharás água viva em nós três, como em uma fonte límpida; nós te entregaremos materiais tão fortes e resistentes do que mármore fixado com cimento. Assim, tua Cidade, será de uma beleza sem igual e permanecerá eternamente neste mundo (Pizan, 2012, p. 67).

O significativo discurso elaborado por Pizan, como se pode constatar no trecho, oferece uma base de resposta à misoginia de seu tempo, construída sob o poder das Damas alegóricas que oferecem as águas da razão, da retidão e da justiça para alimentar a realização da obra que se inicia. O empreendimento intelectual de Pizan se torna ainda mais significativo devido ao seu contexto histórico e cultural, pois em meio a todas as ondas misóginas que podemos identificar no Medievo, foi na sua época, no final da baixa Idade Média (Séc. XV) o período de maior estatística de preconceitos em torno das mulheres. Exatamente nesse contexto histórico Pizan floresceu no cenário da Literatura – escolhida pelas virtuosas Damas para ser essa voz singular – lugar outrora de aparente exclusividade dos homens e da divulgação do pensamento escolástico ainda vigente na sua época. Sobre a intensa construção história e cultural marcada pela misoginia, Rocha explica que

Durante séculos as mulheres ouviram de seus pais, clérigos, mestres e esposos a repetição dos mesmos princípios que asseguravam a submissão feminina: castidade, humildade, silêncio e trabalho. Esses princípios fortificavam a ideologia da Igreja e mantinham intacta a estrutura do considerado bom casamento: homens governavam e mulheres obedeciam incondicionalmente. Eram os homens que sempre usavam a palavra pelas mulheres e tinham sobre elas o poder de vida ou morte (Rocha, 2009, p. 84).

Assim compreendendo, nota-se o fio condutor que leva ao fortalecimento da misoginia na baixa Idade Média vindo da longa e violenta tradição patriarcal quando os homens monopolizavam o saber e determinavam condições subalternizadas para as mulheres, argumentando que sua natureza seria inferiorizada e caracterizando-a como o sexo frágil, hábil a pecar por ter sido expulsa do paraíso antes do estado *pré-lapsariano*.⁶ Para o patriarcado, a queda do homem não teria sido apenas a queda da condição humana, mas, enfaticamente, temos Eva como a primeira mulher, representando aquela que pecou

primeiro, sendo fraca e sucumbindo à tentação da carne por desobedecer os preceitos divinos.

As mulheres, durante séculos, para ter alguma evidência como escritoras, precisariam tornar-se monjas ou religiosas e poderiam escrever sob a orientação de um confessor, custodiadas à sombra da Igreja pelo poder clerical. No Medievo, se não fossem casadas, lhes restaria o confinamento do claustro ou a vida reclusa e, se “perdessem a honra”, seriam fadadas à vida mundana. Sobre tal realidade, Perrot explica:

Os conventos eram lugares de abandono e de confinamento, mas também refúgios contra o poder masculino e familiar. As vozes de mulheres foram, de início, vozes místicas. Jacques Maître mostrou a esmagadora superioridade das mulheres nesse particular a partir do século XIII. De Marguerite Porete a Teresa de Ávila ou Teresa de Lisieux, a vida mística se conjuga no feminino. Prece, contemplação, estudo, jejum, êxtase, amor louco, tecem a felicidade inefável e dolorosa, torturante e terna, dessas mulheres que exploram os limites da consciência e que despertam loucura. Pois a igreja não preza suas mulheres místicas tanto quanto suas santas, segundo Guy Bechtel (Perrot, 2013, p. 84-85).

Nesse contexto e diante das hostilidades que trabalharam incessantemente pelo silenciamento e apagamento das vozes das mulheres ao longo da história da Literatura medieval, em Pizan, a história das mulheres é reconstruída sob um olhar feminino e por meio linguagem literária. Sua narrativa denuncia os preconceitos advindos, principalmente, do androcentrismo clerical. Pizan, usando de sagacidade e diplomacia, era benquista pela realeza francesa e desse modo, combateu a misoginia não batendo de frente e confrontando a Igreja, mas objetivou denunciar os autores misóginos através da Literatura, evitando diretamente um eventual conflito religioso.

Na narrativa, Christine se indigna sobretudo ao ler o livro *Les Lamentations de Matheolus* (Séc. XII) onde se encontrava muitos impropérios e rebaixamento sobre as mulheres. A autora questiona o porquê de tantos homens terem usado a Literatura para destilar o veneno maldoso do preconceito sobre o sexo feminino:

Perguntava-me quais poderiam ser as causas e motivos que levavam tantos homens, clérigos e outros, a maldizer as mulheres e a condensar suas condutas em palavras, tratados e escritos. Isso não é questão de um ou dois homens, nem mesmo só deste Mateolo, a – quem não incluiria entre os sábios, pois seu livro não passa de uma gozação –; mas, pelo contrário, nenhum texto está totalmente isento disso. Filósofos, poetas, e moralistas, e a lista poderia ser bem longa, todos

parecem falar com a mesma voz para chegar à conclusão de que a mulher é profundamente má e inclinada ao vício (Pizan, 2012, p. 58-59).

Assim, Pizan em *A Cidade das Damas* apresenta o discurso apologético em prol das mulheres ao estabelecer uma reorganização social do ponto de vista das mulheres para incluí-las como cidadãs do mundo, hábeis, prudentes e inteligentes para solapar o androcentrismo literário. Dessa maneira, esse modo de configurar o pensamento feminino, tanto veicula uma resposta aos misóginos, quanto um discurso possível de ressignificação na história das mulheres, dentro de um raciocínio logístico que rompe o aparente silêncio das mulheres e as coloca em evidência com a construção da Cidade das Damas.

2. A autoridade feminina de Pizan e o ensino das sibilas

No Primeiro Livro d'*A Cidade das Damas*, podemos identificar o segundo aspecto da marca pessoal de nossa autora sobre o seu conhecimento filosófico quando ela apresenta a narradora-personagem Christine, a partir da reflexão sobre si mesma, questionando-se quanto ao ter nascido mulher, por ser vítima juntamente com todas as mulheres, repetidas vezes caluniadas e difamadas pelos autores misóginos, em suas obras. Dessa maneira, remontando à Antiguidade, podemos cogitar na narrativa de Pizan a estratégia filosófica do silogismo e da prática do autoconhecimento socrático do *nosce te ipsum*⁷, o “Conhece-te a ti mesmo”, do Oráculo de Delfos, na Grécia antiga. Importa destacar que:

Os diálogos socráticos se configuram como um exercício de autoconhecimento (conhece-te a ti mesmo), rompendo, dessa forma, as fronteiras entre mestre e aprendiz, educador/a e educando/a. Observa-se a permanência viva dessa forma de diálogo heurístico em contextos educacionais desde a Antiguidade Clássica e, até nossos dias, o ensino socrático assume o protagonismo em diversas correntes pedagógicas (Deplagne, 2020, p. 262).

Desse modo, Pizan com o uso que faz do silogismo socrático, a partir do questionamento e da retórica própria do método filosófico, começa a formar sua mente

questionadora no Campo das Letras (Pizan, 2012), de tal modo, que a voz narrativa de Christine refuta os algozes das mulheres e suas obras misóginas da tradição livresca. Sobre esse silogismo filosófico, destacamos a interpelação:

Ah, Deus! Como isso é possível? Como acreditar, sem cair no erro, que tua infinita sabedoria e perfeita bondade tinham podido criar alguma coisa que não fosse completamente boa? Não é verdade que criaste a mulher com um deliberativo propósito? E desde então, não lhe deste todas as inclinações que gostarias que ela tivesse? Pois, como seria possível teres te enganado? E, no entanto, tais tantas acusações graves, tantos decretos, julgamentos e condenações contra ela! Eu não consigo entender essa aversão. E, se é verdade, meu Deus, que tantas abominações abundam entre as mulheres, como muitos o afirmam – e, como tu mesmo dizes que o testemunho de vários garante a credibilidade –, por que não deveriam pensar que tudo isso seja verdade! (Pizan, 2012, p. 60).

Chama a atenção que os questionamentos apresentados, no trecho, não se dirigem às vozes das supostas autoridades intelectuais misóginas, mas ao Deus criador próprio do pensamento religioso da tradição judaico-cristã. Esse discurso silogístico, pode ser considerado também como outro elemento que confere autoridade aos autores masculinos. Pizan se utiliza da argumentação filosófica para contrapor o discurso misógino nas obras canônicas. A partir desses argumentos teológicos, podemos inferir que a divina criação é superior às concepções triviais dos homens, mas a autora identifica o pseudorraciocínio que foi capciosamente interpretado pela tradição misógina ao longo de séculos para menosprezar a inteligência das mulheres. Quanto ao método de Sócrates, podemos conceber que:

Primeiramente, há o seu método característico de interrogação. Ao invés de propor uma tese ele mesmo, Sócrates deixa que o outro o faça e então retira dela suas consequências. Como sempre, com Sócrates, a questão começa com a busca de uma definição iluminadora do que quer que esteja sendo discutido [...] (Gottlieb, 1999, p. 13).

Nesse itinerário, no livro de Pizan, em analogia a essa iluminação do questionamento socrático do ser individual que almeja sair do mundo da ignorância e da escuridão, encontramos esse caminho de iluminação guiado pelas três Damas virtuosas: Razão, Retidão e Justiça. *A priori*, começando da própria narradora-personagem, sendo necessário que dispa-se dos preconceitos, do estado de torpor e da alienação no intuito de

dirimir as falsas imagens em torno das mulheres mantidas pela tradição patriarcal ao longo de séculos na história da Literatura, na Filosofia e nos diversos escritos dos autores misóginos.

Assim, o objeto basilar deste artigo é mostrar a legitimação de Christine de Pizan como autora que usa de forma sagaz e com fineza irônica os mesmos recursos racionais e filosóficos dos escritores canônicos para autenticar seu pensamento como mulher-escritora. É com essa estratégia que ela combate a misoginia disseminada na cultura intelectual de seu momento histórico. Sobre isto, Dama Razão diz:

Ora, pareces acreditar que tudo o que dizem os filósofos é digno de fé que eles não podem se enganar. Quanto aos poetas aos quais te referes, não sabes que utilizam frequentemente a linguagem figurada e que, muitas vezes, deve-se compreender justamente o contrário de sentido literal? Pode-se, a propósito, atribuir-lhes a figura da retórica chamada antífrase, dizendo, por exemplo – como bem sabes – que fulano é mau deixando entender que ele é bom, ou igualmente o contrário. Recomendo-te, em tão, que tires proveito de tais escritos que recriminam as mulheres, voltando-os ao teu favor, quaisquer que fossem a intenção deles Pizan. 2012, p.62).

Nessa linha de raciocínio seguindo, encontramos a chave simbólica d'*A Cidade das Damas* como uma analogia ao Templo de Apolo, isto é, remontando ao Oráculo de Delfos sobre a proposta do autoexame reflexivo do ser humano, no que diz respeito à nossa ignorância ingênua. Em Delfos, o que era mensagem oracular proferida pelas sibilas, em *A Cidade das Damas* torna-se a voz autoral de Pizan, na narrativa, uma vez que Christine é designada pelas três Damas como sibila, profetisa e arquiteta da Cidade para revelar verdades quanto às experiências femininas e ao mundo do conhecimento, como saber racional.

Nesse itinerário, dos vaticínios proferidos pelas pitonisas na Antiguidade, surge Pizan no Medievo como sibila anunciando o lugar de refúgio para as mulheres na Literatura. Assim, na narrativa, com o desvelamento consciente da emancipação da mente feminina de Christine ao ser formada pelas Damas, a autora confere sua visibilidade no âmbito literário e filosófico, além de plasmar sua importância na história das letras, conferindo voz ressoante às mulheres.

Em Atenas, a busca pelo autoconhecimento que propõe Sócrates no discurso da Ágora, e que se transfere para a narrativa da Caverna de Platão, no fenômeno do

desvelamento do mundo das sombras e dos simulacros, é o que propõe Pizan, a partir de suas visões proféticas e de sua escuta interior, gerando as vozes antimisóginas que em Christine se personificam na narrativa a partir dos diálogos com as Damas alegóricas. Desse modo, os gregos consultavam o oráculo até mesmo para o intento de fundações e organização política das *póleis* buscando ajuda divina. Nesse caminho,

A importância especial de Delfos em comparação com outros oráculos deve-se a sua atuação influente nas relações políticas e sociais da Grécia. Seu conselho era procurado quando uma cidade instituía uma nova constituição, ou quando procedia a reformas nos cultos, ou quando planejava a fundação de uma nova cidade, como se deu durante a época do grande movimento de colonização grega, no período compreendido entre 750 e 530 a. C. O envio do grupo de colonizadores para lugares desconhecidos era um acontecimento radical, que não poderia acontecer sem proteção divina (Giebel, 2013, p. 29).

Já em Pizan, podemos caracterizar *A Cidade das Damas* como o espaço utópico de construção literária que vai salvaguardar as mulheres dos ataques misóginos. Desse modo, o que era o templo dos deuses com os oráculos na Antiguidade, torna-se a fortaleza das mulheres no Medievo por meio do exemplos femininos trazidos à narrativa. Logo, a saída da personagem-narradora desse mundo da alienação atestado pela Dama Razão no texto (Pizan, 2012, p. 61) equipara-se ao mundo das sombras no qual se encontrava Christine, porém, sob o nivelamento de sua mente.

Desse modo, a tarefa da Dama Razão é o avivamento da consciência feminina na protagonista do enredo para enveredá-la no caminho iniciático do estado de iluminação. Quando Christine é retirada do seu estado de indignação e torpor sobre os preconceitos em torno das mulheres, perpassa o processo de epifania⁸, a saber, a revelação das Damas, e torna-se doravante, na narrativa, a protagonista que defenderá as mulheres. Ela assim afirma:

Abatida por esses pensamentos tristes, eu baixava a cabeça de vergonha. Os olhos repletos de lágrimas, as mãos na face, apoiava-me no braço da poltrona, quando repentinamente vi cair no meu colo um feixe de luz, como se fosse uma raio de sol, penetrando ali, naquele quarto escuro, onde o sol nunca poderia entrar naquela hora, então despertei-me em sobressaltos, como quem acorda de um sono profundo (Pizan, 2012, p. 61).

Nesse trecho, em analogia ao livro do Gênesis, encontramos na narrativa da criação como está escrito: *Dixitque Deus: "fiat lux."* Et facta est lux. (Liber Genesis 1,3)⁹, dessa maneira, constatamos, de certo modo, a presença sobrenatural das Damas, ao revelarem sua essência divina para Christine como uma trindade feminina vinda do céu, precedida por um feixe de luz. Nesse preâmbulo, podemos ver as três Damas outorgando a Christine a tutela da Cidade. Dessa maneira, identificamos as vozes imperativas das Damas junto com Christine: *Faciamus urbem*. Sobre tal empreitada da construção da Cidade é a Dama Razão que revela a Christine o intento da tríade e a essência divina de suas naturezas¹⁰:

Prezada filha, deves saber que a providência divina, que não faz ao acaso, encarregou-nos de morar entre as pessoas desse mundo de baixo, apesar de nossa essência celeste, para zelarmos pela manutenção e pela boa ordem das leis convenientes aos diversos estados, e que fizemos segundo a vontade de Deus, pois somos as três, filhas de Deus e de nascimento divino (Pizan, 2012, p. 64).

Dessa maneira, podemos observar que se inicia a pedagogia das Damas para com Christine, evocando o que poderia ser definido como a propedêutica da iluminação pela qual a narradora-personagem deve ser introduzida no ensinamento das Damas alegóricas. Esse ensinamento é a base para a construção da identidade como autora e a edificação da fortaleza das mulheres para defendê-las dos ataques misóginos pelo que a narradora prossegue ao relatar o seu encantamento epifânico.

É notável que Christine de Pizan, profundamente letrada e esclarecida e, sobretudo, conhecedora das fontes cristãs, avizinha *A Cidade da Damas à Cidade de Deus*, de Santo Agostinho, doravante agora fortaleza para as mulheres. Tal Cidade se resplandece como luzeiro de proteção e refúgio para as mulheres virtuosas de toda estirpe. Hicks e Moreau (1992), trazendo essa perspectiva, consideram que,

A exemplo do poeta Horácio, Christine de Pizan acreditava erguer um monumento mais duradouro que o bronze, e como a Cidade de Santo Agostinho, este monumento é uma fortaleza, um trabalho de combate endereçado contra a heresia, a barbárie que foi a seus olhos a sorte reservada às mulheres. Os textos eruditos as difamam, as leis as escravizam; Christine

dará às mulheres os meios para desarmar seus adversários e fazer seus direitos triunfarem.¹¹". (Tradução nossa).

Por sua vez, em analogia ao pensamento de Santo Agostinho, Pizan introduziu o conceito da teoria da iluminação, que se caracteriza, na narrativa, pela revelação do ensinamento das Damas, como uma estratégia narrativa em deflagrar a misoginia e combatê-la a partir do aconselhamento feminino das três Damas iluminadas. Conforme Abbud Ayoub,

No *Comentário ao Gênesis contra os maniqueus*, Agostinho introduz em sua obra a relação entre a feitura das criaturas e a iluminação divina. Para ele, o ato criativo de Deus, no aspecto formador das criaturas (referente ao segundo aspecto da matéria informe), é referido em “E Deus disse: “Faça-se a luz” (“Et dixit Deus, Fiat lux.” - Gn 1,3). Nesta passagem, o que era informe, desordenado, invisível e trevas recebe luz. A fala de Deus, o “*fiat lux*”, forma a indeterminação, anterior à criação das coisas (Abbud Ayoub, 2011, p. 40).

Após essa discussão apoiada também pelas palavras agora citadas, importa trazer o terceiro aspecto da legitimação autoral de Christine de Pizan que começamos a demonstrar anteriormente nesse estudo e que reside na verossimilhança presente na narrativa, entrelaçando a vida, a obra e as personagens criadas como mulheres virtuosas. Assim, em *A Cidade das Damas*, a identidade da personagem Christine é construída como edificadora da Cidade, no diálogo misterioso entre Christine e as Damas. Há uma criação junto às Damas e a emancipação da consciência da personagem enquanto mulher-escritora, bem como da saída do mundo dos preconceitos gerados pelos falsos raciocínios sobre a pseudo imagem das mulheres mantida pela tradição livresca.

Desse modo, as três Damas, fecundando a mente da narradora com o material sólido dos alicerces morais e virtuosos por meio dos exemplos femininos, conduzem Christine nesse caminho, a começar pelo questionamento sobre a inferiorização das mulheres na história da Literatura. A *persona* da autora forma-se pela emancipação do espírito da narradora-personagem na edificação da cidade das mulheres, ao longo da narrativa. Assim, a autoridade de Pizan como autora coaduna-se, por verossimilhança, dando credibilidade e legitimidade à sua produção literária, ao criar personagens alegóricas femininas. Somado a isso, temos o seu relato de experiência como mulher, ao

indignar-se com a misoginia na história das mulheres. Nesse quesito, a indignação é direcionada à construção da personagem simultaneamente à construção da autoridade feminina enquanto mulher-escritora no Medievo.

Christine totalmente imbuída do seu propósito de autoconhecimento e da tomada de consciência sobre o seu sexo, da condição feminina e dos preconceitos, vai moldando a sua mente para receber o ensinamento que virá das Damas iluminadas, vindas do Céu. A introspecção e o discernimento típico da consciência das/os grandes sábias/os e eruditas/os reflete a consciência fértil e frutífera da narradora-personagem que edificará a fortaleza das mulheres e tal edificação será superior a qualquer outro reino sobre a face da Terra.

3. A construção d'*A Cidade das Damas* e o anúncio de um novo tempo para as mulheres

Nesse terceiro tópico demonstramos como Pizan foi legitimada como autora na narrativa por intermédio da personagem Christine, como arquiteta, sibila e profetisa, em defesa das mulheres. A narradora-personagem recebe a tarefa singular diretamente das Damas divinas na edificação da fortaleza das mulheres.

Disto diz *Dama Razão*: “Mas, anuncio-te, como uma verdadeira Sibila, que o edifício da Cidade que tens a tarefa de construir, e que edificarás, será bem mais forte” (Pizan, 2012, p. 68). Na Grécia antiga, as pítias ou pitonisas eram as sacerdotisas do deus Apolo para a proclamação dos vaticínios e presságios. “A pítia era escolhida dentre as famílias de Delfos, provavelmente por meio de sorteio. Talvez ela fizesse parte do grupo de mulheres que velavam pelo fogo sagrado do altar de Héstia, no templo de Apolo” (Giebel, p. 17, 2013). N’ *A Cidade das Damas*, essas sibilas altivas e edificantes nos fazem remontar às virgens sábias do templo de Delfos que traziam as mensagens e a predição do futuro ao serem consultadas pelos gregos para pedir orientação aos deuses e evitar catástrofes e tragédias.

Em um período adiante, a partir do século XV, temos o surgimento das *Civitas*, as cidades que surgem no início do marco do fim do Medievo para o ensejo da Modernidade e o antropocentrismo. *A Cidade das Damas* é um prenúncio da mudança de mentalidade

que estava se iniciando com a aurora do Renascimento. Para Lemarchand (2000), ele alude o conceito de cidade às múltiplas concepções de *Civitas* na história universal, como sentido caro e civilizatório para o homem medieval. Em Pizan, *A Cidade das Damas* é a imagem é o emblema alegórico e utópico da fortaleza das mulheres que assemelha-se até mesmo à Jerusalém Celeste do Apocalipse¹². Lemarchand explica:

A palavra “cidade” tinha, ademais, para o homem medieval um significado nobre e escatológico com todas as conotações derivadas da categoria de “urbe ideal” a *civitas* por oposição a “vila” ou “burgo”. E a palavra marcada pelo selo bíblico da *urbs beata Hierusalem*, a visão celeste do capítulo XXII do Apocalipse, contraposta à Babilônia demoníaca dos capítulos XVII e XVIII. Modelo de cidade fortificada, cujas portas se abrem ao último reduto paradisíaco, serviu por sua vez para cristianizar as descrições de cidades da Antiguidade tão presentes em *A Cidade das Damas*, e nas canções de gesta e na novela cortês. Chegou-se a essa idealização de recinto murado que já não se distingue na iconografia e modelo da Jerusalém celeste das fortificações de Roma, Cartago ou Tróia - cujas rainhas fundadoras encontramos no texto - nem tampouco as descrições das cidades da sua representação iconográfica: como o princípio retórico *Ut pictura poësis*, a cidade murada tornou-se texto e imagem (Tradução nossa).¹³

Toda essa valoração dada à noção de “cidade”, no contexto de produção literária de Pizan, oferece um pilar a mais no conjunto de significados que podem ser atribuídos à construção ficcional aqui destacada e que foi inspirada pelas Damas alegóricas. Junto a isso, no Livro Primeiro, revela-se não apenas o sentimento pessoal de inadequação e desesperança de Christine em relação ao desprezo proferido às mulheres, mas também a percepção mais ampla de que essa opressão era sistêmica e generalizada nas obras de Literatura e de Filosofia.

Uma questão importante, paralela a esta discussão, diz respeito ao período histórico em que viveu Christine de Pizan, no qual temos a transição histórica do Medievo para a Modernidade. Assim, como acontece em todo fim de século e início de outro, há riqueza de ideias e mudanças de mentalidade que verificamos na história da Filosofia e da Literatura, bem como no testemunho das sociedades. Sobre esse período de transição em que viveu Pizan, trata Viennot:

À aurora do século XV, uma nova paisagem então se configura. Pela primeira vez (parece), a misoginia dos intelectuais foi identificada, e denunciada pelo que ela representa: uma mistura de pretensão, de desprezo e de ideias preconcebidas, que nada tem de natural nem de essencialmente masculino, mas cujo objetivo é manter a dominação dos homens sobre as mulheres. Pela primeira vez foi enunciada uma verdade que desde séculos de falsos raciocínios e de proposições licenciosas tinham tentado ocultar: é o costume, e não a natureza, que é a origem da inferioridade das mulheres. Pela primeira vez, uma mulher ousou contestar a supremacia dos intelectuais se situando sobre o que eles estimam ser seu terreno: a argumentação, a história; usando do que eles dizem serem as mulheres desprovidas: a razão. (Tradução nossa).¹⁴

Segundo Viennot, a referência aos "falsos raciocínios e proposições lincenciosas" sugere uma análise crítica das estruturas de poder e da autoridade que perpetuavam a opressão das mulheres, implicando que essas autoridades na pessoa dos autores masculinos eram responsáveis pelo sofrimento e mal-estar das mulheres.

As palavras de Viennot dialogam com o pensamento de que a construção da identidade feminina no texto de Pizan está em desfazer a ideia de que a mulher não poderia pensar, nem ter gosto pela leitura, ou simplesmente pensar com encadeamentos lógicos. Esse quesito pode ser considerado como uma resposta aos muitos séculos anteriores de negação da faculdade da razão e da autonomia intelectual no sexo feminino, o que impediria o direito de pensar, estudar e, consequentemente, de escrever.

A rigor, ao nos voltarmos para a história global, a tarefa de Pizan, nesse sentido, foi participar ativa e pioneiramente no debate da *Querelle de Femmes*, já garantindo sua profissionalização e militância como uma escritora renomada na sociedade francesa do século XV. Assim, por meio da produção literária de Pizan, ela contribuiu para o aparecimento de um sólido caminho argumentativo antimisógino resultando em um importante movimento literário em questionar, refutar e contra-argumentar quanto à desigualdade social nutrida entre homens e mulheres onde a misoginia é o epicentro.

Na narrativa d'*A Cidade das Damas*, diagnosticamos que a autora consolida que a primeira imagem afirmativa da inteligência feminina ecoa em Christine. Ela está em seu escritório, cercada por seus livros e atenta às leituras que faz, conforme o trecho: "Um dia estava eu, como de hábito, e com a mesma disciplina que rege o curso da minha vida, recolhida em meu gabinete de leitura, cercada de vários volumes, tratando dos mais

diversos assuntos” (Pizan 57, 2012). A marca impressa que Pizan imprime na narradora-personagem, desse modo, é a sua capacidade intelectiva e sua capacidade racional de estar apta para encetar o discurso antimisógino advindo das obras canônicas que depreciam as mulheres.

Retomando a analogia bíblica com a narrativa de Pizan, podemos conceber a formação da mente da narradora-personagem que será fecundada pelos ensinamentos das sábias damas vindas do mundo extrassensível. Desse mundo sobrenatural, as Damas descem à Terra. Isso significa que não podemos ter visão nem clareza da sua realidade até o momento em que as três Damas se revelam à narradora-personagem e lhes outorgam a construção utópica da Cidade. Christine narra esse momento:

Erguendo a cabeça para olhar de onde vinha aquele clarão, vi elevarem-se diante de mim três damas coroadas, de quão alta distinção. O esplendor que de suas faces emanava, arrojava-se sobre mim, iluminando todo o compartimento. Inútil perguntar se fiquei deslumbrada, sobretudo porque as três damas conseguiram entrar, apesar das portas estarem fechadas. Temendo que fosse alguma visão tentadora, fiz o sinal da cruz na testa, tão grande era o meu medo (Pizan, 2012, p.61).

O trecho apresentado sinaliza para a força divina que emanava das Damas, já que entraram no recinto “apesar das portas estarem fechadas”. Essa observação sobre as portas pode ser tida como uma metáfora representativa do ambiente simbólico em que a personagem Christine se encontrava, no qual as vozes masculinas e misóginas predominavam e, desse modo, mantinham fechadas as portas à entrada de presenças femininas.

Considerando a personalidade cristã da autora, transpõe-se para Christine, a personagem protagonista na narrativa, sua religiosidade e erudição, evidenciando-a em várias partes do livro com as vozes das Damas alegóricas. Como já supracitado anteriormente, temos: “Temendo que fosse alguma visão tentadora, fiz o sinal da cruz na testa, tão grande era o meu medo” (Pizan, 2012, p.61). Essa atitude pode, inclusive, sugerir a presença de uma sutil ironia às acusações direcionadas aos relatos de visões próprios das mulheres místicas de seu tempo. Christine parece deixar uma espécie de discurso preventivo às possíveis críticas dos homens que tentavam descredibilizar e/ou desacreditar as escritoras visionárias, situação bastante comum no Medievo.

Ainda sobre a epifania na narrativa, há a possibilidade dessa visita misteriosa das três Damas alegóricas ser compreendida como uma alusão ao relato bíblico da Anunciação do arcanjo Gabriel à Virgem Maria, gerando o mistério da Encarnação (em Lucas, capítulo 1, versículos de 26 a 38)¹⁵. Comparamos o fato bíblico na narrativa com a caracterização da pedagogia das Damas ao transmitirem o ensinamento a Christine em que um ser humano é escolhido por Deus para receber uma visita divina e, com ele, é atribuída uma determinada missão vide o relato evangélico.

Desse modo, em *A Cidade das Damas*, podemos constatar e analisar como Pizan construiu sua imagem de *auctoritas* como mulher-escritora utilizando-se da palavra e do raciocínio em defesa do sexo feminino. Trata-se de uma estratégia narrativa e filosófica com vistas a dialogar, refutar e contra-argumentar com os diversos escritos e autores masculinos que depreciavam as mulheres. Christine está munida, portanto, não somente de sua formação sólida e letrada, mas da divina ajuda que receberá das três Damas virtuosas na sua epifania.

Então, como em uma atmosfera onírica (mesmo Christine estando em vigília) o caminho da iluminação é percebido pela narradora para que ela possa trilhá-lo, colocando pedra por pedra, na construção das muralhas que irão defender as mulheres dos ataques maldosos dos homens. Quanto ao silogismo socrático da narradora-personagem, este encontra-se argumentado na refutação do seu pensamento, quando ela diz:

No final, cheguei à conclusão de que, criando a mulher, Deus tinha feito uma coisa bastante vil. Espantava-me, assim que um artesão tão digno pudesse ter realizado uma obra tão abominável, na qual, segundo a opinião daqueles autores residiam todos os males e vícios. Completamente absorta por essas reflexões, fui inundada pelo desgosto e pela consternação, desprezando-me a mim mesma e a todo o sexo feminino, como se tivéssemos sido geradas monstros pela natureza (Pizan, p. 60, 2012).

Não obstante essa reflexão que não soava otimista, Christine de Pizan apresenta-nos em *A Cidade das Damas* a defesa das mulheres a partir do momento em que constrói seus contra-argumentos para combater as obras misóginas presentes na Literatura e na Filosofia. É nessa Cidade onde as mulheres terão visibilidade e admiração. No fim da

narrativa, ela entrega a Cidade toda pronta, iluminada e abençoada por Deus e convidando à celebração no trecho: “Rendei graças a Deus que me guiou nesse grande labor: construí para vós um refúgio honrado, uma cidade fortificada que vos servirá de morada eterna até o final dos tempos” (Pizan, 2012, p. 293). Inegavelmente, Christine de Pizan ressignifica o corpo e a existência femininas elevando-os a um lugar de destaque. Para tanto, evidencia exemplos de mulheres, que ao longo da história, valorizaram o sexo feminino e o corroboraram na narrativa com virtudes e proezas memoráveis.

3. Considerações Finais

A discussão sobre a igualdade de sexos apresentada em *A Cidade das Damas*, de Christine de Pizan, é uma referência nos estudos medievais e de gênero. Com a denúncia da misoginia, o pioneirismo de Christine de Pizan alcança o seu protagonismo na defesa das mulheres contra os ataques misóginos e a legitima como autora respeitada no Medievo. O uso das alegorias e do silogismo por Pizan, como recurso estético e filosófico, é uma marca não só dos grandes escritores, mas, a rigor, uma estratégia narrativa que ela empreende com a personificação das Damas alegóricas em virtudes femininas para dar visibilidade às mulheres na história da Literatura.

Na construção da proposta literária (e filosófica) oferecida pela autora, as virtuosas Damas alegóricas (Razão, Retidão e Justiça) que visitam a protagonista são as vozes sapienciais que norteiam o pensamento da personagem, em contraponto aos discursos misóginos questionados na obra, emergindo assim na narrativa o olhar feminino para defender a autonomia das mulheres na história do pensamento humano. Ao fazermos a analogia d’*A Cidade das Damas* com o oráculo de Delfos demonstramos que a *Cidade* alegórica é o espaço físico, ou seja, o templo do coro das vozes femininas orquestradas pelas três Damas, valorizando a vida interior feminina, traduzidas em exemplos e virtudes trazidos por Christine de Pizan.

Não por acaso, é a Dama Razão que reflete a inteligência a feminina, sendo ela mesma quem inicia a defesa do sexo feminino, ao engradecer as mulheres, pois, é justamente essa personagem que sinaliza o processo da prática filosófica por excelência, de que as mulheres podem pensar, estudar e emitir concepções científicas no mesmo

patamar dos homens. Desse modo, o questionamento feminino caracterizado pela indignação da narradora-personagem na narrativa faz pensar o reposicionamento social da mulheres através dos caminhos da crítica para desaparelhar as supostas verdades misóginas e promover a igualdade dos sexos.

Considerando tais percursos reivindicatórios acerca do sexo feminino na narrativa, é singular e necessário considerar que a obra de Pizan, situando-se na interface entre o discurso filosófico e o literário, traz à tona o combate à misoginia que imperava em seu momento histórico, especialmente nos textos de autores masculinos mencionados na obra. Assim, a autora usa das armas que tem: inteligência, sagacidade e prudência.

É interessante notar que *A Cidade das Damas* já se consagra como uma obra documental, histórica e profética no campo das Letras em defesa das mulheres. O êxito do pensamento de Pizan, resultou nos dias de hoje na revisão dos cânones literários e nos ajuda a nos despirmos dos preconceitos misóginos que foram antes infiltrados na história da Literatura, deixando a mácula do preconceito e da ignorância humanas.

Em remate, o exemplo feminino das mulheres na narrativa estabelece e legitima a autoridade de Christine de Pizan como autora, no Medievo. A narrativa denuncia que o cerne da questão misógrina está nos costumes preconceituosos do patriarcado e não na gênese feminina, pois, as diferenças sociais não têm a ver com a condição biológica das mulheres, mas residem na prática fossilizada de ignorância e da misoginia. O trabalho intencional de tentar apagar as vozes femininas, por parte de autoridades intelectuais e religiosas, sem dúvida, levou a uma série de equívocos em torno das mulheres, ao longo da história e é fato que muito da cultura misógrina persiste na contemporaneidade.

Por esse motivo, *A Cidade das Damas* é uma obra tão cara aos estudos medievais e de gênero, um trabalho literário e filosófico que faz ressoar um importante contraponto à mencionada cultura misógrina. Esse trabalho é protagonizado por vozes femininas, tanto a de sua narradora-personagem Christine, quanto das vozes alegóricas da Razão, da Retidão e da Justiça, essas imortais e virtuosas Damas sapienciais.

Referências

- AYOUB, Cristina Negreiros Abbud. **Iluminação trinitária em Santo Agostinho.**
São Paulo: Paulus, 2011.

- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.
- BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de Filosofia**. [Tradução de Desidério Murcho et al.]. – Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- DEPLAGNE, Lucina Eleonora Calado. Apresentação. In: PIZAN, Christine de. **A Cidade das Damas**. Florianópolis: Editoras Mulheres, 2012.
- DEPLAGNE, Lucina Eleonora Calado. O Parto de Christine: o exercício do diálogo retórico como construção do conhecimento no Livro A Cidade Das Damas (1405), de Christine de Pizan. Brathair – Revista de Estudos Celtas e Germânicos. v. 20 n. 1 (2020): Rhetoric Turn and Medieval History.
- DUBY; PERROT, M. (Orgs.). **História das Mulheres no Ocidente**: a Idade Média. [Tradução de Ana Losa Ramalho et al.] Coimbra: Afrontamento, v. 2, 1990.
- GOTTLIEB, Anthony. **Sócrates: o mártir da filosofia**. [Tradução de Irley Fernandes Franco]. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- HICKS, Eric; Moreau, Thérèse. Introduction. In: Christine de Pizan. **La Cité des Dames**. [Traduction par Éric Hicks et Thérèse Moreau]. Stock /Moyen Âge, 1992.
- KAPLISCH-ZUBER, Christiane. Introdução. In: DUBY; PERROT, M. (Orgs.). **História das Mulheres no Ocidente**: a Idade Média. [Tradução de Francisco G. Barba e Teresa Joaquim]. Coimbra: Afrontamento, v. 2, 1990. p. 9-23.
- LEMARCHAND, Marie-José. Introducción. In: PIZÁN, Cristina de. **La Ciudad de las Damas**. Madrid: Ediciones Siruela, 2000. p. 11-56.
- PERNOUD, Régine. **Luz sobre a Idade média**. [Tradução de Antônio Manuel de Almeida Gonçalves]. Portugal: Europa - América, LDA, 1997.
- PIZAN, Christine. **A Cidade das Damas**. [Tradução de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne]. Florianópolis: Editora Mulheres, 2012.
- ROCHA, Patrícia. **Mulheres sob todas as luzes. A emancipação feminina e os últimos dias do patriarcado**. Belo Horizonte. Editora: Leitura, 2009.
- SILVA, Daniel Eduardo da. **O alegórico e as vozes antimisóginas como estratégia narrativa em Christine de Pizan: a cidade das damas**. 2016. 94 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.
- TOSI, Renzo. **Dicionário de Sentenças Latinas e Gregas**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. – 3^a. ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

VIENNOT, Éliane. Les intellectuelles de la renaissance: enjeux et conflits d'une émergence. In: RACINE, Nicole; TRBITSCH, Michel (Org.). **Intellectuelles du genre en histoire des intellectuels**. Éditions Complexe, (S.l.), 2004.

GIEBEL, Marion. **O Oráculo de Delfos**. [Tradução de Evaristo Pereira Goulart]. São Paulo: Odysseus Editora, 2013.

VIENNOT, Éliane. Les intellectuelles de la renaissance: enjeux et conflits d'une émergence. In: RACINE, Nicole; TREBITSCH, Michel (Org.). **Intellectuelles du genre en histoire des intellectuels**. Éditions Complexe, (S.l.), 2004.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi; WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. Afinal, o que é Literatura? In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 19-30.

Notas

¹ Silogismo (lat. *syllogismus*, do gr. *Syllogismós*) Método de dedução de uma conclusão a partir de duas premissas, por implicação lógica (Marcondes; Japiassú, 2008, p. 253).

² O patronímico “Pisano” é de origem italiana ligado à aldeia de Pizzano. Seu pai era Tommaso di Benvenuto da Pizzano, nomeado por sua família originária da aldeia de Pizzano, perto de Bolonha. Christine de Pizan nasceu na República de Veneza em 1364 e durante sua infância naturalizou-se na França. Portanto, sendo uma autora ítalo-francesa. O nome de família sofreu adaptação linguística ao ser incorporado no contexto francês, assumindo a forma Pizan. Por essa razão, neste estudo, utilizaremos alternativamente a grafia francesa consagrada — Christine de Pizan — ou a forma italiana. Convém observar que, em diferentes traduções e tradições críticas, também se encontram variantes como Cristina de Pisano, em português, e Christine de Pisan, grafada com “s”. Corrige-se aqui a grafia de Tomasso di Benvenutto Pisano já publicada na dissertação de mestrado presente nas referências desse artigo para “Tommaso di Benvenuto da Pizzano”. Temos também outra grafia que é Tommaso da Pizzano, forma consagrada na documentação italiana e em estudos sobre Christine de Pizan. A variação “Pisano” é uma forma francesa posterior. (Conforme disponível em: https://www.treccani.it/enciclopedia/tommaso-dapizzano_%28Dizionario-Biografico%29/. Acesso em: 05 ago. 2025)

³ Poétesse, historienne, moraliste surtout, Christine de Pizan fut la protégée des rois et de reines; elle vécut de sa plume en s'adressant aux grands et grandes de ce monde, et ses manuscrits, luxueusement enluminés, entrèrent dans le bibliothèques principales. (Moreau; Hicks, 1986, p. 17).

⁴ O termo “Literatura” aqui usado tem um sentido bastante flexível, tendo em vista que, no Medievo, grande parte da produção literária não trazia o interesse voltado para aspectos necessariamente ficcionais. É importante lembrar ainda que a visão de Literatura como arte também é recente, resultado de um processo que se desenvolve especialmente a partir do século XVIII e continua em movimento até o presente, no contexto de aplicações teórico-críticas diversas.

⁵ No Medievo essa expressão latina é bastante utilizada para precisar o papel literário do autor ou da autora. No caso d'*A Cidade das Damas*, temos a voz de Pizan que se coaduna com a personagem-narradora Christine na narrativa em tela.

⁶ O termo “pré-lapsariano” vem do latim *lapsus*, que está ligado à questão da queda, antes do ato pecaminoso da desobediência original cometidos por Adão e Eva no Jardim do Éden narrado no livro do Gênesis.

⁷ Essa é uma das máximas gregas mais conhecidas e comuns, tanto na antiguidade quanto nas culturas posteriores: suas citações são muito numerosas (frequentemente na forma latina *Nosce te/ Nosce te ipsum*).

Foi atribuída ora um, ora a outro dos Sete Sábios, e uma tradição já verificada em Platão (cf. Protágoras, 343 b), ver também (Pausâncias, 10.24,1) e (Ausônio, *Ludus Septem Sapientum*, 5,7,9), afirma que foram exatamente os Sete Sábios que a puseram como epígrafe no templo dos Delfos (Tosi, 2010, p. 162).

⁸ Epifania. A manifestação da presença de Deus no mundo. Uma revelação mística ou espiritual (Blackburn, 1997, p. 118).

⁹ Disponível em: https://www.vatican.va/archive/bible/nova_vulgata/documents/nova_vulgata_vt_genesis_lt.html. Acesso em: 11 set. 2025.

¹⁰ A l'exemple du poète Horace, Christine de Pizan croyait éléver un monument plus durable que l'airain, et comme la Cité de saint Augustin, ce monument est une forteresse, un ouvrage de combat dressé contre l'hérésie, la barbarie qu'était à ses yeux le sort réservé aux femmes. Les textes savants les villipendent, les lois les asservissent; Christine donnera aux femmes les moyens de désarmer leurs adversaires et faire triompher leur bon droit. (Hicks; Moreau, 1992, p, 13).

¹¹ “Vi também descer do céu, de junto de Deus, a cidade santa, uma Jerusalém nova, pronta como uma esposa que se enfeitou para seu marido” (Apoc 21,2). Bíblia de Jerusalém.

¹² La palabra "ciudad" tenía, además, para el hombre medieval un significado noble y escatológico, con todas las connotaciones derivadas de la categoría de "urbe ideal", la civitas por oposición a "villa" o "burgo". Es palabra marcada por el sello bíblico de la urbs beata Hierusalem, en la visión celeste del capítulo veintidós del Apocalipsis, contrapuesta a la Babilonia demoníaca de los capítulos diecisiete y dieciocho. Modelo de ciudad fortificada, cuyas puertas se abren al último reducto paradisíaco, sirvió a su vez para cristianizar las descripciones de ciudades de la Antigüedad -tan presentes en La Ciudad de las Damas - en los cantares de gesta y en la novela cortés". Se llegó a tal idealización de! recinto amurallado que ya no se distinguieron en la iconografía el modelo de la Jerusalén celeste de las fortificaciones de Roma, Cartago o Troya -cuyas reinas fundadoras encontraremos en el texto-, ni tampoco las descripciones de las ciudades de su representación iconográfica: según el principio retórico del Ut pictura poësis, la ciudad amurallada se hizo texto e imagen (Lemarchand, 2000, p. 27).

¹³ À l'aube du XV siècle, un nouveau paysage se dessine donc. Pour la première fois (semble-t-il) la mysogynie des intellectuelles a été identifiée, et dénoncée pour ce qu'elle est: un mélange de prétention, de mépris et d'idées reçues, qui n'a rien de naturel ni d'essentiellement masculin, mais dont le but est de maintenir la domination des hommes sur les femmes. Pour la première fois a été énoncée une vérité que des siècles de faux raisonnements et de gauloseries avaient tenté d'occulte; c'est la coutume, et non la nature, qui est à l'origine de l'inégalité des femmes. Pour la première fois, une femme a osé contester la supériorité des intellectuels en se situant sur ce qu'ils estiment leur terrain: l'argumentation, l'histoire; en usant de ce dont ils disent les femmes dépourvues: la raison (Viennot, 2004, p. 48).

¹⁴ Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.